

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****Transparência... que se veja!**

O caso da americana ENRON, a maior falência de sempre, ocorrida em 2001, é um exemplo do tipo de actuação fraudulenta



**José António Moreira**

O Marco nunca teve uma vida fácil. Também nunca fez muito por isso. Por inércia, por débil saúde, por falta de sorte, foi deixando que a vida lhe passasse ao lado. Retirou-se do mercado de trabalho quase na flor da idade, sem reforma que lhe permitisse sustentar a família. Os biscates que aqui e ali fazia não tapavam os estruturais buracos orçamentais. Um crédito por telefone com condições ruinosas, dívidas a diferentes familiares, uma no cartão de crédito, um descoberto na conta de depósitos...

O Marco tomou consciência do imbróglio em que se metera quando a primeira dessas dívidas foi judicialmente reclamada e uma penhora visou os parques haveres familiares. Foi um choque para a família, incluindo a esposa, pela situação e, de modo particular, pelo elevado montante que a dívida agregada (somatório das diversas e dispersas dívidas) atingira. Até ele ficou surpreso por dever tanto dinheiro.

Lembrei-me recentemente deste caso quando os *media* fizeram notícia do aumento da dívida pública portuguesa, por via da aplicação de novas regras contabilísticas que impuseram a inclusão de centenas de empresas e organismos públicos no perímetro de entidades considerado para cômputo daquela dívida. A surpresa foi enorme, dada a grandeza dos ajustamentos, não porque o Estado tenha ficado mais endividado do que estava, mas porque, de repente, se tornou visível para todos uma fotografia que, não sendo ainda a real (muitos outros organismos e responsabilidades continuam fora desse perímetro), retrata um pouco melhor os tons negros associados ao estado a que o Estado chegou.

Tal como o Marco, o que os sucessivos governos fizeram, sem excepção, foi ir gastando ao mesmo tempo que procuravam que isso não fosse visível nas estatísticas. Com tal propósito, numa estrat-

tégia de ocultação, criavam novas entidades para “parquearem” dívida e responsabilidades. Procedimento que não era original, muito usado por empresas que se tornaram notícia por via do “estrondo” das respectivas falências. O caso da americana ENRON, a maior falência de sempre, ocorrida em 2001, é um exemplo desse tipo de actuação fraudulenta. No caso dos políticos que nos governaram, havia um forte incentivo para tal comportamento: não havia responsabilização criminal, como no caso das empresas; quando no futuro as dívidas e responsabilidades subjacentes se tornassem exigíveis eles já não ocupariam os lugares, outros teriam de as pagar.

Muito se tem falado da reforma do Estado e da necessidade de assegurar a transparência das administrações públicas. Com pequenas excepções, tudo não tem passado das palavras. No entanto, há uma pequena reforma de natureza contabilístico-financeira, sem custos relevantes, que poderia arejar a vida pública e evitar, para futuro, situações de endividamento como as que os últimos anos nos trouxeram e que quase levaram o país à bancar-

rota: o cálculo anual obrigatório da dívida agregada do Estado e do respectivo défice agregado (incluindo todos os organismos e entidades, mesmo as que as regras contabilísticas não consideram para efeitos estatísticos), onde deveriam ser também incluídas as responsabilidades futuras assumidas (com PPP, por exemplo).

Se outro mérito não tivesse, a reforma permitiria aos cidadãos uma mais rigorosa avaliação do desempenho dos governantes e edis, por via do confronto entre a “obra visível” efectuada e o que isso custou em termos de dívida e défice (incluindo a parte “invisível”).

Que melhor sinal de transparência poderiam os governantes e edis oferecer que a instalação de gigantescos placards em praças e rotundas mostrando a evolução da dívida e défice das áreas que tutelam?

*Escreve à sexta-feira*



**Kenneth Lay, o CEO da falida ENRON**

**SESSÕES CONTINUAS**

**LAURO ANTÓNIO**

*A monstruosidade que nos cerca*

Que o Homem é um animal que tanto pode ser amável e sensível, como brutal e feroz, todos sabemos. É o que chamamos civilização e cultura, e que se adquire com base na educação, que tenta transformar o Homem num animal social, que se harmonize com os restantes seres vivos e com eles conviva dignamente. Essa educação, que procura integrar o Homem num ambiente colectivo, com direitos e deveres a cumprir, é necessariamente castradora, censória, impositiva. Importante, portanto, será que, numa sociedade que se queira livre e democrática, se conciliem os direitos e os deveres sem que nenhum deles abafe por completo os outros. Uma sociedade ideal conseguiria esse feito, mas já se sabe que não existem sociedades ideais. Contudo pode tender-se para tal. Quando as sociedades se desequilibram, é normal surgirem no seu seio casos patológicos. Quando há desemprego e fome, quando há instabilidade e violência institucionais, é certo e sabido que o equilíbrio se quebra, das mais diferentes formas. A arte tem dado suficiente testemunho desse facto. Nos anos que antecederam o aparecimento do nazismo, na Alemanha, o expressionismo cinematográfico (e não só) testemunhou essa ascensão do horror. Durante a época da Grande Depressão nos EUA, surgiram nos ecrãs americanos os grandes clássicos de monstros, de Frankenstein a Drácula. Não vamos agilizarmos demasiado o pensamento e concluir que todos os crimes que agora surgem no nosso País sejam fruto desta brutal austeridade que nos sufoca. Crimes sempre houve e, infelizmente, sempre continuará a haver. Mas não temos dúvidas que a percentagem sobe desproporcionadamente com o desemprego, as falências, o desespero, a fome, a instabilidade, o desencanto, a falta de perspectivas, a impotência perante o presente e o futuro. Que mais um chefe de família com quarenta e tal anos, desempregado há três, mate à facada a mulher, uma filha e coloque outra às portas da morte, é algo indesculpável. Para o assassino, obviamente, mas também para a sociedade que incubiu dentro de si essa monstruosidade. Que se vai tornando cada vez mais frequente. Há quem diga que “o país está melhor”. Pena é os portugueses estarem pior. *Escreve à sexta-feira*